



---

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, valores e modos de vida

---

FORTALEZAS JUVENIS: CONSTITUIÇÃO DE ALTERIDADES E GRUPALIDADES ENTRE OS JOVENS DE UMA COMUNIDADE IMAGINADA

---

DAMASCENO, Francisco José Gomes.

Dr. Em História Social

Universidade Estadual do Ceará – UECE

fjgdamasceno@hotmail.com

---

### Resumo

O presente trabalho aponta o surgimento dos movimentos Punk e Hip Hop, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, Brasil, no final dos anos 70 e início dos anos 80, enquanto criação original de um espaço de atuação social e política, por parte de setores excluídos da população (jovens das periferias) e ao mesmo tempo registra suas cosmovisões, suas análises da cidade e do mundo, revelando suas intervenções no campo do social, suas formas de se organizar e sua criação enquanto sujeitos históricos. Suas letras são utilizadas para apontar como a manifestação musical aos poucos se tornou elemento de substantivação da experiência juvenil e de sua intervenção sócio-política-cultural, uma das mais marcantes na cidade de Fortaleza hoje em dia

Palavras-chave: Juventude, Fortaleza, hip hop, punk, cultura, comunidades imaginadas





A pequena cidade bela de Fortaleza vivia dias agitados no final dos anos setenta e começo dos anos oitenta. A população de cerca de um milhão e trezentos mil habitantes clamava por creches, transportes públicos, segurança, entre outras necessidades. O então prefeito biônico (muitos anos depois governador eleito) da cidade respondia com silêncio e uma ação tímida, privilegiando as áreas nobres da cidade, como da constituição de um grande projeto de urbanização da Praia do Futuro em um pólo chamado de Atlântico Sul, onde se deveria aportar recursos e infra-estrutura turística para “desenvolver” a cidade.

O que os jornais, fonte usada para visualizar este contexto, não davam conta, é que simultâneo a esse complexo de constituição moderna da cidade, se dava também um caudaloso processo de articulação e grupalização de jovens que teriam pouco tempo depois papel fundamental na construção de significados para a própria cidade e mesmo de uma intervenção que revelasse seus problemas e as formas de solucioná-los, uma dimensão de prática social e política constituinte da própria cidade e, por fim, uma proposta de beleza, justiça, igualdade e participação, até então desconhecidas.

## 1. JOVENS PUNKS E JOVENS HIP HOPERS EM FORTALEZA

As primeiras manifestações de punks em Fortaleza se dão no final dos anos setenta, ao passo que as primeiras manifestações do hip hop se dão pouco tempo depois, logo no início dos anos oitenta. Em ambas o que ocorre é uma aglutinação de jovens em torno da música. Como se a música os atraísse e os juntasse, para depois então, eles guiados por seus gostos se manifestassem de uma forma mais geral.

Ao mesmo tempo em que essas “culturas” (como são conhecidas por seus integrantes nessa fase de suas vivências, de suas manifestações) se revelavam em Fortaleza, ocorria de forma semelhante em outras cidades brasileiras.<sup>i</sup> O som (música), informações obtidas em revistas, pequenas matérias, fitas gravadas e repassadas por vários jovens, muitas conversas e uma ampliação das informações e do conhecimento sobre a manifestação cultural.

Durante a semana eles se viam em praças públicas e “sacavam” o visual, ouviam de forma rápida as músicas, viam revistas de bandas, escutavam falar do que os integrantes das bandas faziam e de como eram “rebeldes” e contestadores”. E depois de feito o contato inicial ele então passam a circular em torno de certos espaços, como praças e pequenos clubes da periferia da cidade.

Flor, uma das primeiras a curtir o som punk em Fortaleza em depoimento, diz terem começado a ser realizadas na cidade, pequenas festas que ocorriam nos clubes de subúrbio. Nessas festas, uma das estratégias para envolver os grupos, era a realização de competições de rock ao som dos conjuntos<sup>ii</sup> por eles preferidos, sempre nos fins de semana uma grande leva de fãs corria a cidade atrás de diversão nos diversos bairros da cidade, tais como Monte Castelo, Messejana, José Walter, Parque Araxá, etc.

Deste modo a música e a dança tão caras ao rock<sup>iii</sup>, se encenam nestas festas. Isso se deu no final dos anos 70 e início dos 80:

...78 a 80 era o auge da Dancin'Daise né... e nesses embalos aqui e acolá eu conheci, tinha uns DJ's de som que a gente conhecia e o cara colocava um rock... quer ver nos bailes que eu andava eu ouvia Nazareth, o tal do Van Hallen, ah Black Sabbath... e um monte de outros né e aí quando a gente foi descobrindo o que era mais parecido com o rock, aí é... assim que a gente gostava né, que tudo era rock, mas a diferenciação que a gente não tinha conhecimento; que a gente foi conhecendo até por um acaso, rolou de conhecer... aí conheci Sex Pistols, The Clash, The Jam, The Breathers [...] os caras fizeram, eu não, outros caras lá fizeram, tinha uns tal duns concursos de rock, concurso! Os caras punham o vinil na vitrola tocava né e a galera ia agitar, prá ver quem agitava melhor... os caras



fizeram, eu não, outros caras lá fizeram, tinha uns tal duns concursos de rock, concurso! Os caras punham o vinil na vitrola tocava né e a galera ia agitar, prá ver quem agitava melhor...<sup>iv</sup>

De um modo geral, a maioria dos punks identificam o final dos anos 70 como o momento, em que, em torno das festas realizadas em pequenos clubes da periferia da cidade, se aglutinam para escutar o rock, num primeiro momento, e depois o próprio punk-rock, num amadurecimento da concepção estética e numa identificação dos grupos preferidos, de suas principais músicas, etc.

É interessante observar que os pequenos clubes aglomeram o lazer destes jovens pobres de periferia e que o rock aos poucos passa a ser percebido em sua diversidade, na medida em que mais grupos aparecem, mais pequenas festas são realizadas, em que trocas de idéias e informações são estabelecidas de forma sistemática:

Não era assim, nessa época acho que a gente nem sonhava em movimento punk ainda né, porque nessa época que a gente tava era só curtindo rock... era Led Zeppelin, essa bandas de rock mais antigas mesmo, era Led Zeppelin, é... Iron Maiden... essas outras bandinhas de rock mesmo, rock é... Heavy Metal né? Então já tava começando a explodir movimento punk lá na Inglaterra, mas só que a gente aqui num tinha nem idéia do que viria a ser o movimento punk, a gente tava só curtindo rock mesmo; ia pro clube [...] e o pessoal começou a se reunir lá e gostou de... e sei que todos os domingos tava o pessoal todo lá, vinha gente de muito longe, pessoal prá curtir rock mesmo, roqueiro né, foi assim... [...] Grêmio do José Walter, Grêmio Recreativo do José Walter... deixa eu ver...cara isso aí ainda era antes de 80, nessa época que eu tinha 14 anos... era 78, 77, era mais ou menos isso... porque faz tempo eu tinha 14 anos nessa época aí... eu era uma criança nessa época aí...<sup>v</sup>

Ressalte-se aqui, a simetria ocorrida com relação ao movimento hip hop no que toca a este aspecto. Os inúmeros clubes por estes jovens frequentados se espalhavam pelos bairros periféricos, e os jovens em seus grupos palmilhavam os terrenos da cidade, em trajetórias múltiplas, estabelecendo uma relação de intimidade com os lugares e constituindo espaços próprios, na medida em que buscavam por diversão e arte<sup>vi</sup>; na medida em que buscavam estes clubes onde a música de seu gosto era tocada, como anunciava o jornal na época: “[...] Eles vêm de toda a parte. Dos bairros periféricos e de outros distantes, como a Cidade 2000 e o Conjunto Ceará. Vêm pendurados em trens e ônibus. No bolso, além do dinheiro da passagem, só os CR\$ 200,00 da entrada.[...]”<sup>vii</sup>

Foi desta forma que os primeiros grupos começaram a se formar.

O processo envolvia a dimensão de informações veiculadas pela grande imprensa (revistas e jornais, além de programas de TV), meticulosamente colhidas de acordo com os próprios interesses, os quais se fundavam no gosto maior pela música; além de uma prática de conversação com o intuito de esclarecer suas opiniões com os demais assuntos; de aprender como tocar os instrumentos, e por fim, de desvelar a concepção que estava por trás das letras das músicas das bandas da predileção do grupo.

O complexo processo de articulação destes elementos que plasmados gerariam não só suas músicas, bem como uma referência maior para suas atuações, primeiro no universo da cultura, da criação de sua arte, e depois para sua atuação social. Sua intervenção no espaço da cidade, em busca de diversão neste primeiro momento, estava desencadeado, pelo gosto comum a um estilo de música, que depois se tornaria um **estilo de vida**.

Assim, a identificação é o elemento que desencadeou, e desencadeia todo o complexo processo de estruturação dos grupos, e depois deles formados, da formação do próprio movimento, e, finalmente, de todo o processo de constituição de identidades destes sujeitos sociais, que ainda muito jovens, resolvem se engajar em uma trajetória, que como se pode perceber levará boa parte de suas vidas, senão toda ela.<sup>viii</sup>



Baseado em uma revisão da produção antropológica sobre a festa Viana (1997: 51) aponta as três principais características de qualquer tipo de festa: “1) *superação das distâncias interindividuais*; 2) *produção de um estado de efervescência coletiva*; 3) *transgressão de normas sociais*.”

As três características apontadas criam um laço entre aqueles que se unem sob sua égide de tal forma que não se pode compreender esta “força estranha”, caso não se leve em consideração a produção de grupalidades. Desta maneira, “*o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais*” (DURKHEIM, 1968: 536)

Há, por assim dizer, uma distribuição de energias vitais, uma re-alocação de forças que criam sentidos e identidades. Assim, na festa, “*A reunião de muitos indivíduos, seus movimentos, as danças, os cantos, os gritos, tudo contribui para a produção de grande quantidade de energia, que é redistribuída para todos os participantes.*” (Viana, Op. Cit. p. 53)

Por esta razão, mesmo com toda transformação pelas quais passou tanto a cultura punk, quanto a hip hop, as quais com o tempo tornaram-se movimentos, este traço permanece fator de relevância, a fim de que se entendam suas manifestações e, por conseguinte a construção de suas identidades.

Desta forma aos poucos o que era apenas uma afinidade vai fundamentando uma coletividade. O que é apenas busca de diversão passa a concentrar suas atenções, suas movimentações, seus desejos e energias, para juntos criarem seus próprios espaços de vida, e disto, surgem suas entidades organizativas e sua intervenção política e social.

## 2. OS MOVIMENTOS DOS JOVENS

O resultado desse processo iniciado ainda nos anos setenta, em experiências que se articulavam em torno da música foi a criação, muito especialmente na cidade de Fortaleza, de entidades que articulavam características do universo juvenil (manifestas preponderantemente no universo da cultura) e outras típicas do universo da política, entendida aqui como as organizações formais em função do poder e de suas estruturas.

A criação do que esses jovens chamam de movimento é a sua mais importante contribuição para o universo sócio-político-cultural contemporâneo, e onde reside um traço das comunidades por eles formadas e que transcendem as fronteiras das suas cidades ou mesmo dos países, se constituindo em aspecto relevante de suas identidades e de seus modos de vida.

### 2.1. O hip hop e o punk em Fortaleza

No caso do hip hop, logo no início dos anos 90 foi criada uma entidade organizativa dos hip hoppers (**MH<sub>2</sub>O**) em torno da qual todas as atividades ligadas a essa manifestação se desenrolaram a partir de então. No final da mesma década muitas outras entidades surgem como “rachas” da primeira. Hoje uma outra além dela é forte e ativa na cidade – O Movimento Cultura de Rua (ou **MCR**). Esta entidade se apresenta como um movimento social organizado, ou pretende se produzir como tal.

Ainda no final dessa década a entidade se o próprio MH<sub>2</sub>O se institui como movimento e cria um estatuto jurídico se tornando uma Organização Não Governamental – ONG. O trabalho das duas é muito semelhante: música, dança e arte são utilizadas no engajamento político, social e profissional dos jovens pertencentes ao movimento. Sutileza que diferencia as entidades das demais, já que o trabalho político vem à frente do musical.

Com os punks o processo é semelhante, mas a orientação anarquista imprime um outro viés: a criação de coletivos de convivência alternativa. O primeiro é criado ainda nos anos 80 (o Núcleo Coletivo de



Consciência Libertária - NCCL), que durou até o final dessa mesma década. Depois disso muitos outros vieram, sendo que nos anos 90 o mais presente foi o “Coletivo Ruptura”.

Até bem pouco tempo a principal articulação se dava em torno da “Comuna Libertária”, uma entidade sediada no bairro de Parangaba e que tocava a luta de punks e anarquistas sob essa ótica. Apesar de sua curta duração deixou uma marca na cidade. Hoje os punks se encontram sem entidades que os aglutine.

As muitas formas de manifestação de seus desejos e necessidades têm apontado para uma construção alternativa nesses moldes. Além disso, uma articulação local e global se fortalece com vínculos de solidariedade e trabalho com jovens e entidades de outros Estados como suas movimentações mais freqüentes “grafitam” por aí...

A música iniciada nos “bailinhos” quebrou as paredes dos clubes de classe média, se espalhou como um rastro de pólvora e botou fogo em tudo ao seu redor. Ao lazer puro e simples, um outro com prazer e política. O canto falado e o grito primal nunca foram tão ouvidos e fortes...

O MH<sub>2</sub>O - Movimento Hip Hop Organizado e o MAP - Movimento Anarco-Punk apresentam inúmeras semelhanças e enormes diferenças, mas o que faz destes dois movimentos particularmente importantes no estudo da juventude é o fato de estarem, de forma incessante e incansável, construindo representações sobre a sociedade contemporânea pautadas em uma atuação social que se reveste de caráter cultural e político.

A forte presença dos dois grupos na cidade de Fortaleza e em todo o Brasil tem rendido a ambos uma certa visibilidade dentro do contexto social. Visibilidade esta, nunca antes experimentada por estes dois movimentos juvenis de caráter contestatório. Suas análises se mostram agudas na medida em que constroem uma severa crítica ao modelo capitalista, sobretudo a partir da construção de modos de vida social abertamente contrários ao padrão burguês de sociedade, que se apresentam como sua contribuição ao debate sobre esta questão.

## **2.2. Jovens no contemporâneo urbano**

Deve-se considerar que a juventude é onde inflete de forma particular a crise das sociedades (FORACCHI, 1972), graças a sua posição de aguda sensibilidade, tanto no que toca à sua capacidade de antever o futuro, como pela forma delicada de recepção/percepção de realidades sociais e de suas transformações, já que :

Enquanto o adulto vive ainda a sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação.<sup>ix</sup>

Os grupos escolhidos caracterizam a saga de jovens que tem vivido uma das épocas mais delicadas da história da humanidade, que ao mesmo tempo foi alçada a condição de sujeito social autônomo<sup>x</sup>, revelando o quão árdua é a luta, o quão é importante a sua participação e também a atenção que deve ser dada a ela, em leituras conseqüentes e comprometidas.

A constituição de uma grande "sociedade global", ou como chamam muitos da "aldeia global", marcada por uma diminuição dos tempos, pelo encurtamento das distâncias e, no caso da juventude, de uma comunicação de massas, marcada por veículos como o rádio e a TV, que dinamizam as relações em seu poder criativo, e tornam estes sujeitos, privilegiados na construção destas perspectivas sociais e históricas.

Estes processos de redimensionamento do capitalismo são de tal forma complexos e o papel que desempenham os jovens neles de tamanha relevância que Ianni Ihes imputa especial importância: “A



*história do regime capitalista tem sido a história do advento político da juventude. Em cada país que se desenvolve o sistema capitalista de produção, os jovens assumem importância crescente no campo da ação política.*" (1968: 56)

A complexa constituição de gêneros e estilos musicais, artísticos e estéticos, como o rock, o punk, ou ainda o hip hop devem ser encarados como manifestações que estruturam formas múltiplas de vivência dentro do sistema e em resistência ao próprio sistema. Como ficou evidenciado na trajetória apresentada, no caso do Ceará, e se caracterizará neste capítulo, em termos de "tradição" destas trajetórias musicais.

O acentuado internacionalismo<sup>xi</sup> destes grupos pode ser entendido como uma característica do último quartel do século XX, como intenção do sistema, mas também como forma de criação/recriação do que está aparentemente dado. Estes jovens ao mesmo tempo em que esclarecem sua importância e seu próprio processo sócio-histórico-cultural de formação, revelam ainda, em maior ou menor medida, as formas como o próprio sistema se estabelece em suas cada vez maiores cidades.

Os referentes e complexos processos de constituição de grupalidades, a partir de informações e manifestações difundidas pelo mundo, sobretudo pelos meios de comunicação de massa, como se tentou destacar até aqui, foi/é uma característica das mais marcantes, na origem destes grupos (punk e hip hop), que depois se tornaram movimentos.

### **2.3. Identidades, identificações e constituição de linguagens**

Ao que tudo indica nas sociedades contemporâneas, a identidade seria vivenciada como ação e não como situação, sendo construída no complexo de relações sociais estabelecidas no processo de vida e dentro dos meios e lugares sociais ocupados. Assim, haveria uma alteração no conceito de identidade que, baseado neste pressuposto de constituição permanente, auto-reflexiva, e, sobretudo operada por cada pessoa, precisaria de novos termos: "*A mesma palavra identidade não é mais apropriada para exprimir essa mudança e será necessário falar de identificação para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos.*"<sup>xii</sup>

Desta forma, o autor quer dar conta da transitoriedade do contemporâneo, da multiplicidade de papéis que cada indivíduo assume cotidianamente. Entretanto, no caso dos jovens destes grupos (punk e hip hop), uma das suas muitas identidades, surgida no momento de identificação pela música, pela dança, e por manifestações afins, e de uma definição de papéis; o que ocorre, é que a grande maioria, acabou assumindo de forma definitiva, estas identificações (que em princípio eram transitórias).

O fato de esses jovens assumirem uma dessas identificações de forma permanente, não significa que o caráter de auto-construção, de auto-reflexão, seja dispensado, mas parece que, o processo se deu de forma intensa, dentro do próprio estilo que assumiram. Assim, pode-se falar em identidades da mesma forma, ou *deslocar* o conceito de identidade neste sentido.

Se como afirma Mafesolli (1987: 27), "*a sensibilidade coletiva, originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética*", então pode-se considerar que este conjunto de relações instituídas no campo ético/estético, pode se tornar, o centro do complexo processo de identificação/identidade, como de fato aconteceu com muito dos entrevistados.<sup>xiii</sup>

Dessa forma, constituíram uma "*linguagem*" própria, que articulava não só suas falas, mas também os tipos de música, o uso de determinadas roupas e adereços, os próprios adereços, os símbolos, os locais de frequência, as manifestações do corpo – a corporalidade, os cortes de cabelo, as gírias, os aliados, e também, porque não dizer, os próprios adversários.<sup>xiv</sup>

Esta linguagem articulada dentro do cotidiano era e ainda é manifesta de forma ostentatória, com a sutileza de seu uso dirigido apenas aos iniciados, de tal forma, que mesmo numa multidão, pode-se passar por eles sem percebê-los, num jogo do visível/invisível, constituinte dessa linguagem...



O Hip Hop e o Punk se materializavam de forma viva a partir de suas vivências na periferia das grandes cidades, das identidades que estas experiências revelavam e da busca de canais de expressão de suas vontades, desejos, sentimentos. Eles deixaram de ser algo localizado e assumiram o papel de articulador dessas experiências, de potencializador destas manifestações, e, portanto, ganhou o “status” de “movimento”.

### 3. JOVENS EM COMUNIDADES

O “movimento” então deixou de ter um sentido estritamente musical e/ou artístico e assumiu a conotação de comunidade. O grupo se reconhecia a partir de diversos símbolos/elementos que não só o diferenciava dos demais, como estabelecia um parâmetro de igualdade. O estilo se tornou algo amplo em que eles próprios buscavam suas identidades.

Desta forma nos remetemos à questão do caráter destas comunidades, formadas a partir da afinidade, da eletividade. Max Weber chamou a atenção para a existência de “comunidades emocionais” que se fundamentariam nos projetos racionais ou políticos mais comumente, podendo às vezes tomar “o caminho mais delicado e menos definido da sensibilidade coletiva.” (MAFFESOLI, 1987: 19)

O caráter de categoria em sua análise - ou seja, algo que nunca existiu de verdade, mas que poderia servir como revelador de situações presentes, estabelece uma restrição para o caso em questão. Em todo o caso as características atribuídas a essas comunidades (aspecto efêmero, composição cambiante, inscrição local, ausência de uma organização e estrutura cotidiana) podem, em parte, ser observadas. No entanto, as configurações atuais carecem de novas conceituações.

Neste sentido, é interessante observar que o este autor utiliza esta configuração, como algo que suscita na contemporaneidade a multiplicidade de grupos, que constituem uma forma de laço social sólido, não se restringindo a elas.

A fundamentação em uma socialidade eletiva e de bases afetuais - sensibilidade coletiva; nos remete a uma espécie de comunidade imaginada, para utilizarmos a expressão de Anderson ao avaliar a construção dos pertencimentos nacionais. Essas comunidades teriam por base o fato de despertarem de alguma forma o pertencimento de cada membro, de forma geral e difusa, já que na maioria dos casos nunca sequer tiveram qualquer tipo de contacto.

Num espírito antropológico, então, eu proponho a seguinte definição de nação: ela é uma comunidade política imaginada como limitada e soberana. Ela é imaginada porque os membros de uma nação mesmo que pequena nunca conhecerão a maioria de seus semelhantes, encontrá-los, ou mesmo ter notícias sobre eles, ainda que nas mentes de cada um reside a imagem de sua comunhão. (ANDERSON apud KEMP, op. cit. pp. 84-85.)

Desta forma percebe-se que as comunidades se efetivariam por imaginarem-se unidas por laços comuns. Neste sentido as comunidades com essas formas de substantivação muito se assemelhariam às nações, e é possível mesmo em muitos casos identificarmos inúmeros momentos em que este termo é utilizado por eles próprios. Comunidade imaginadas então.

CN J, membro do movimento hip hop, manifesta de forma muito expressiva esta característica:

Tava, a gente tava no movimento cara, a gente tava no MH<sub>2</sub>O e... e a gente tava pro que der e vier. Dentro do esquema cara, era uma parada muito assim ó, dentro do MH<sub>2</sub>O era um esquema mais assim(...) Ai sim, dentro do movimento bicho, o nego vibra só bicho, só por estar dentro do Hip Hop bicho você já se sente bem, já se sente bem. Aí você tá fazendo parte de uma parada, isso é construindo aquilo ali cara, você se sente dono, tipo um dono ali entendeu, tipo dono. (...) Na época



cara era muito bom bicho porque a gente fazia letra, direcionada pra esquema de movimento mesmo, era Hip Hop, era Rap, era beleza.(...)

(CN J em 11.05.1996, entrevista realizada no Conjunto Ceará)

Assim, o “movimento” é composto por membros em todo o mundo - esta noção para eles é muito clara, como se pode sentir entre os membros do grupo em Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro, etc; para além de espaços localizáveis, originam a ideia de uma comunidade mundial, de estilo, e *“cujos referenciais e limites não são aqueles das classes, das clivagens sexuais, dos bairros, das comunidades agrárias (...) São referenciais que dizem respeito a categoria de idade jovem, através da qual se imagina integrar um grupo unitário - mas nunca autônomo de suas sociedades - que se associa por compartilhar do sentimento de exclusão dos objetivos pertinentes às suas futuras condições no mundo adulto.”* (KEMP, 1993: 84)

Em qualquer caso, *“A comunidade consiste em uma multidão de pessoas que não estão mais lado a lado (e acrescenta-se acima e abaixo), mas umas com as outras. E esta multidão, embora se movimente na direção de um objetivo, experimenta, no entanto por toda a parte, uma virada para os outros, o enfrentamento dinâmico com os outros, uma fluência do Eu para o Tu. A comunidade existe onde a comunidade acontece.”* (Op. Cit. p. 154. )<sup>xv</sup>

O caráter de espontaneidade no surgimento e estruturação destas “comunidades imaginadas” é algo marcante. Os diversos encontros e atividades devem ser considerados como manifestações desta vitalidade, que Maffessoli (op. cit.) entende como uma “potência subterrânea” que se contrapõe ao poder. Estas formas de organização (eletivas, afetivas e informais) ele classifica como **societais**, em contraposição ao social (de caráter mais formal e racional).

São estas as comunidades que se tem formado entre jovens hip hoppers e punks em nossa cidade e quiçá até de forma muito semelhante em cidades do Brasil inteiro e até do mundo. Soltas, leves, informais pelo surgimento e políticas em atuações que centralizam-se na intervenção cultural propondo uma compreensão do político no mundo contemporâneo, por outros ângulos.

Eis uma fundamental contribuição.

## BIBLIOGRAFIA

BRITO, S. (1968) **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

CARMO, Paulo Sérgio do. (2001) **Culturas da Rebeldia: A Juventude em Questão**. São Paulo: Editora do SENAC.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. (1994), *Traços do novo: a juventude da Fortaleza contemporânea: rappers, breakers, DJ's, anarco-punks, fanzineiros e metaleiros*. Monografia de especialização em Teoria e Pesquisa em História, Universidade Estadual do Ceará.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. (1997), **O Movimento Hip Hop Organizado do Ceará / MH<sub>2</sub>O-Ce (1990-1995)** Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC. 333 p.



DAMASCENO, Francisco José Gomes.(2004) **Sutil Diferença**: O movimento punk e o movimento hip hop em Fortaleza - grupos mistos no universo citadino contemporâneo. Tese de doutoramento. São Paulo: PUC-SP. 511p.

DURKHEIM, Émile.(1968) **Les formes elementaires de la vie religieuse**. Paris: PUF.

FORACCHI, Marialice M. (1972) **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira.

HOBBSAWM, Erick. (1995), **A Era dos Extremos** - O Breve século XX. São Paulo: Cia. das Letras.

IANNI, Otávio. (1968) O Jovem Radical. In.: BRITO, S. **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

IANNI, Otávio. (1968) O Jovem Radical. In,: BRITO, Sulamita.(Org.) **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar.

KEMP, Kênia. (1993), **Grupos de Estilo Jovem**: O 'Rock Underground' e as práticas (contra)culturais dos grupos 'punk' e 'trash' em São Paulo. Campinas: dissertação de Mestrado em Antropologia, UNICAMP.

MAFFESOLI, Michel. (1987) **O Tempo das Tribos** - O Declínio do Individualismo nas sociedades de Massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MUGGIATI, Roberto. (1983-B) **História do Rock**. V. 3/4. São Paulo: Editora Três.

MUGGIATI, Roberto. (1983-A) **Rock: o grito e o mito**. A música pop como forma de comunicação e contracultura. Petrópolis, RJ: Vozes.

PERALVA, Angeline. (1987) O Jovem como modelo cultural. In.: **Juventude / Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, Nos. 5 e 6. São Paulo: ANPED.

VIANA, Hermano. (1997 - A) **O Mundo Funk Carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>i</sup> Em meados da década de 70 surgiram vários salões de rock nos subúrbios de São Paulo e no ABC; estes salões tinham somente um espaço para dançar ao som de fitas, às vezes um bar, e visavam o público jovem de classe popular que "curtia" rock, ou seja, os que gostavam de bandas tanto dos anos 60 (Stones, The Who) como dos anos 70 (Led Zeppelin, Black Sabbath, Deep Purple, Pink Floyd, etc.). O preço dos ingressos era barato, o que permitia constante frequência dos jovens. Eram os locais de lazer para os finais de semana.

<sup>ii</sup> Carmo nos informa que, neste período o uso do termo "bandas" não era empregado. Cf. CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia: A Juventude em Questão**. São Paulo: Editora do SENAC, 2001. 279p.

<sup>iii</sup> Muitos autores ressaltam o papel da dança como fundamental para o rock, com o que concordamos, sendo este inclusive, um dos significados atribuídos a própria palavra, como sugere Muggiati (1983 - A; 8): "...esta palavra compacta de quatro letras, ROCK, com suas conotações múltiplas: rocha, balanço, acalanto, embalo." Cf.: MUGGIATI, Roberto. **Rock: o grito e o mito**. A música pop como forma de comunicação e contracultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.(A) Observe-se que "balanço" é uma gíria dos primórdios do rock e significa dançar; e embalo pode sugerir o mesmo. Em outro trabalho, o mesmo autor resalta que a associação entre dança e sexualidade, foi fundamental para a aceitação do rock na década de 50: "...naqueles tempos se você não dançava, você não transava." Cf.: MUGGIATI, Roberto. **História do Rock**. V. 3/4. São Paulo: Editora Três, 1983.(B) p. 15. O que o autor sugere é a transgressão pela dança e a aceitação e incorporação do rock, pela juventude, por este processo.

<sup>iv</sup> Entrevista realizada por este pesquisador com **Magoo**, em 28.01.2003 em sua residência na cidade de Caucaia, região Metropolitana de Fortaleza. p. 01. Magoo foi um dos principais expoentes do punk durante os anos 80 e 90, distanciou-se do movimento organizado, mas continua a manter contatos no underground. Formou uma banda no final dos anos 80, que perdurou com diferente formações até o início dos século XXI. Ele mantém todas as relações adquiridas em seu período de atuação e possui um dos maiores acervos de material sobre o movimento.

<sup>v</sup> Entrevista realizada por este pesquisador com **Eliane "Zueira"** em 12.02.2003 na Praça José de Alencar na cidade de Fortaleza. pp. 01-02.

<sup>vi</sup> "...os outros assim que eram em bairro, mas acontecia assim de vez em quando né? Essa coisa do rock num era fixo não, o cara fazia um evento divulgava, ia ser uma semana num bairro, em outra semana ia ser em outro totalmente diferente ou distante, era assim uma coisa muito ligeira assim, acho que era isso que perpetua a adrenalina né? De repente o cara já tem a adrenalina lá em cima, aí esse negócio: faz um evento hoje aqui, tu vai; no outro final de semana num é mais aqui é lá... num sei nem aonde e você tá lá..." (Magoo, Op. Cit. p. 01)

<sup>vii</sup> Punks: eles surgem em Fortaleza e têm como lema curtir e chocar. In.: **Jornal Diário do Nordeste**, Fortaleza dia 26.07.1983. p. 18

<sup>viii</sup> A grande maioria dos jovens entrevistados para a pesquisa realizada têm suas manifestações ligadas a arte, e aos movimentos por eles criados, aspecto de fundamental importância em suas vidas, em suas trajetórias sociais, intelectuais e políticas. Praticamente toda a vida de cada um deles gira em torno da construção de seus movimentos. Mesmo aqueles que se encontram "distantes" não se desligam deste de forma completa e mantêm vínculos que de alguma forma servem de referência de compreensão do mundo e de atuação nele. Este aspecto nos indica algo em torno da constituição de identidades em torno dos estilos.

<sup>ix</sup> PERALVA, Angeline. O Jovem como modelo cultural. In.: **Juventude / Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, Nos. 5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997. p. 23.

<sup>x</sup> HOBBSAWM, Erick. **A Era dos Extremos - O Breve século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. Em suas palavras: "A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade - que nos países desenvolvidos ocorria vários anos mais cedo que nas gerações anteriores(...)- até a casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente." p. 317 Faço uma apropriação do termo dando-lhe um sentido voltado para a *autonomia* com relação a outros setores e não *independência*, já que de muitas formas jovens e sociedade - em seus mais diversos setores e sujeitos, se inter-relacionam.

<sup>xi</sup> A utilização deste termo é feita por Hobsbawm (1995). Observe-se que Brito (1968) utilizava-se do termo "Planarização".

<sup>xii</sup> Melucci Apud CARRANO, P. C. R. **Juventude as identidades são múltiplas**. Revista Movimento. São Paulo: DP&A, maio de 2000. N<sup>o</sup> 1. O mesmo Melucci (1997) propõe em outro artigo que deveria se falar em **redes conflituosas**, ao invés de falar em movimentos, dado o caráter de produção de formas culturais. Apesar de interessante, no caso dos movimentos aqui estudados, não se aplica, posto que os significados construídos por estes jovens, passam pela noção de movimento.

<sup>xiii</sup> É interessante observar que, todos os entrevistados de minhas pesquisas sobre a juventude, têm o estilo no centro de suas atividades, sejam elas profissionais, sociais, políticas, etc. Há a priorização total do estilo que assume a dimensão de ordenador das relações. Neste caso, o termo identidade, se aplica perfeitamente.

<sup>xiv</sup> De um modo geral cada entrevistado tem sempre uma história de como ocorreu consigo, ou mesmo, com outros do grupo. Cf. neste sentido, Damasceno, 1997.

<sup>xv</sup> Esta fala, ele a faz sua, embora seja uma citação de M. Buber. Maffesoli ao caracterizar a estética do sentimento - ele fala das 'Tribos' - diz: "não é de modo algum uma experiência individualista ou "interior", antes pelo contrário, é uma outra coisa que na sua essência, é abertura para os outros, para o outro. Esta abertura conota o espaço, o local, a proximidade, onde se representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou aura estética e a experiência ética." (Op. Cit. pp. 21/22)